



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TAMARA LOPES DE SOUSA

**RELATÓRIO SOBRE A ELABORAÇÃO DO VÍDEO-DOCUMENTÁRIO *PERCURSO*
*SEM BARREIRAS***

FORTALEZA 2013

TAMARA LOPES DE SOUSA

**RELATÓRIO SOBRE A ELABORAÇÃO DO VÍDEO-DOCUMENTÁRIO *PERCURSO
SEM BARREIRAS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Kamila Fernandes Bossato.

Coorientadora: Profa. Shirley Martins.

FORTALEZA 2013

TAMARA LOPES DE SOUSA

RELATÓRIO SOBRE A ELABORAÇÃO DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO *PERCURSO SEM BARREIRAS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Kamila Fernandes Bossato.

Coorientadora: Profa. Shirley Martins.

Aprovado em: / / .

BANCA EXAMINADORA

Profa. Kamila Fernandes Bossato (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Shirley Martins (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ana Quezado
Universidade de Fortaleza (Unifor)

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	5
2.	Fundamentação Teórica.....	5
3.	Justificativa.....	8
4.	Etapas da Realização do vídeo-documentário.....	9
4.1	Pesquisa	9
4.2	Pré-Produção.....	11
4.3	Produção.....	12
4.4	Pós-Produção.....	17
5.	Conclusão.....	18
6.	Referências.....	18

1. Introdução

Desde que ingressei no Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, queria trabalhar na televisão, veículo de comunicação ao qual tenho um imenso apreço. Produção, edição ou reportagem: qualquer um dos campos de atuação nessa vertente seriam bons para mim. Então, tinha a expectativa de criar um conteúdo audiovisual que pudesse ser utilizado como Trabalho de Conclusão de Curso. Mas como fazê-lo sem um objeto bem definido? Eram várias as ideias e vários os conteúdos que poderiam ter sido base para um documentário.

Fui então lembrando de matérias que fiz ao longo do curso e vieram a minha mente as figuras de Jully Lima e Eron Souza. Conheci os dois numa pauta sobre “jovens com deficiência que praticam esportes” para a disciplina de Jornalismo na Internet, ministrada pela professora Naiana Rodrigues.

Para começar a ter um direcionamento, voltei meus pensamentos para a solução da questão “o que é ser jornalista”. Antes de tudo, exercer essa profissão é agir em prol da sociedade, prestando o serviço de informar, buscando o maior número de fontes possível para embasar uma matéria. Entretanto, quando se trata de fazer matérias sobre pessoas com deficiência, as reportagens tendem a dois direcionamentos: ou exaltá-los como vencedores ou apresentar suas mazelas de maneira sensacionalista.

A proposta a ser executada, então, era evitar essas perspectivas. Dessa forma, quis fazer um vídeo-documentário sobre os dois a fim de mostrá-los como pessoas, cuja única diferença é a prática do esporte. Foi assim que começou a surgir o *Percurso sem Barreiras*.

2. Fundamentação Teórica

Um dos livros escolhidos para uma primeira explanação sobre o fazer entrevista foi “Diálogos Possíveis”, de Cremilda Medina. Nele pude compreender que o entrevistador nem sempre precisa assumir uma postura distante do entrevistado e, assim como o que venho fazendo, o profissional pode sim manter um contato direto com a fonte, tendo uma parceria que acaba por trazer informações mais profundas. Apegando-me a aspectos da entrevista-diálogo e das

neoconfissões¹, construí as entrevistas com Eron e Jully, além de seus amigos, familiares e professores.

Como base para reflexões sobre as possíveis filmagens que utilizaria no *Percurso sem barreiras*, estudei duas tendências do cinema mundial: o cinema direto americano e o cinema verdade francês. Um se diferencia do outro na perspectiva em que o primeiro age como se fosse um observador anônimo da realidade, que não modifica a cena e apenas acompanha o que acontece, e o segundo que se demonstra quanto partícipe na cena, fazendo questionamento e instigando o surgimento de conteúdos que poderiam não ser mencionados sem intervenção.

Tal qual uma crônica, o documentário mescla características poéticas e factuais. Desbravando todo o território nacional, o gênero fílmico ganha espaço nas principais salas de exibição e garante festivais exclusivos. Seja com equipamentos sofisticados ou com câmeras de celular, o essencial é fazer o público refletir sobre uma realidade a ser retratada.

Desde 1898, o documentário faz parte do cenário fílmico brasileiro. Em um primeiro momento, assim como os demais filmes produzidos na época, tratava-se de registros sem sons, contando ou não com legendas. Entretanto, só em 1913, o escritor e fotógrafo etnográfico americano Edward S. Curtis utiliza o termo documentário para definir uma obra cinematográfica não-ficcional.

Da mesma forma que a Teoria do Espelho presente no Jornalismo prima pela reprodução da verdade ao público, o documentário torna-se um responsável por levar o assunto ao qual se debruça aos espectadores, difundindo conceitos, como o de responsabilidade social, de maneira didática.

“Diferentemente do jornalismo, o documentário se realiza após o acontecimento, mas diferentemente do espetáculo, é-lhe proibido ‘reconstituir’ o que não filmou. Assim, ele coloca em jogo o *primado do real* que parece cada vez mais necessário ao motor libidinal que faz girar as sociedades”. (COMOLLI, 2008, p. 29).

Eduardo Coutinho é referência do documentário atual. Segundo Labaki, Coutinho criou um método próprio: o “cinema de conversa”. Consuelo Lins explica que o método é “como se a

¹ Na entrevista-diálogo “o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema”, enquanto na neoconfissão há um verdadeiro “strip-tease da alma”, alcançando, assim, uma entrevista em profundidade da psicologia social. (MEDINA, 1995, p. 15)

predisposição de dar voz aos sujeitos da experiência [...] fosse ganhando força, a ponto de abolir ou subjugar outras formas de abordagem”.

Visando reproduzir o cotidiano de jovens do para desporto cearense, trazendo tendências contemporâneas presentes nos filmes de Eduardo Coutinho, tecemos as narrativas, histórias e imagens necessárias para a composição de *Percurso sem barreiras*.

O documentário seguirá um princípio que norteia a prática dos telejornais, que, segundo Consuelo Lins, “não se limitam mais a imagens estáveis e bem enquadradas”. A vontade de registrar o fato torna-se cada vez mais presente na prática jornalística que se apropria de “planos-sequências tremidos e imagens de baixa qualidade registradas por microcâmeras, câmeras de vigilância, amadoras e de telefones celulares, buscando imprimir – ainda que de maneira limitada e ‘domesticada’ – um ‘efeito de realidade’”.

No livro *Documentário no Brasil: tradição e transformação*, Consuelo Lins apresenta um artigo sobre um dos maiores expoentes do gênero documental, Eduardo Coutinho. Pensando na estética utilizada por este autor, com planos simples, deixando as personagens em destaque, adicionando elementos utilizados em outras experiências documentais, fizemos o registro do cotidiano de Erenildo e Juliana.

A técnica que diferencia Coutinho enquanto cineasta é uma prática bastante utilizada pelos jornalistas: a entrevista. Segundo Amir Labaki, fundador e diretor do festival *É tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários*, “as obras de Coutinho são sutis sinfonias de olhares, gestos e falas nas variações da língua portuguesa dominadas por seus personagens”.

Consuelo reforça que “Coutinho consegue fazer com que as pessoas tomem gosto pela palavra e contem fragmentos de suas histórias a partir de determinadas atitudes éticas articuladas a uma estética que formam uma metodologia cinematográfica singular”.

Percurso sem barreiras utiliza a técnica da entrevista aprofundada com as personagens principais, amigos e familiares, buscando deixar a personagem livre para expor seus pensamentos e descrever momentos importantes para sua vida. Além da entrevista em um ambiente fechado, andamos pela cidade, realizando tomadas *in loco* amplas e médias, acompanhando a jornada dos sujeitos do longa-metragem.

Essa mudança de cenários e a influência do tempo e dos transeuntes na cena proporciona uma incerteza sobre como estaria o produto final. O autor Sérgio Puccini afirma que no documentário nem sempre o segmento menor de estruturação do roteiro estará semelhante à cena dramática.

“O fato de serem obrigados a reagir a uma situação não planejada, que ocorre no aqui e agora da filmagem, faz com que a experiência de filmagem se transforme em um processo de criação instantânea, de construção de repertório de imagens marcado por uma interpretação de mundo feita pelo cineasta” (PUCCINI, 2010, p.83)

Utilizamos planos médios², *close-ups*, panorâmicas e cortes para garantir maior dinamismo. Usamos duas câmeras durante as entrevistas, sendo uma principal e a outra utilizada para planos que fujam do padrão de enquadramento.

Não utilizamos narrador, sendo a história totalmente construída com base nas falas dos envolvidos no enredo, buscando a riqueza da expressão verbal de cada um. Faremos uso de imagens de apoio em alguns momentos, colocando a voz das personagens em *off*. A trilha sonora foi colocada nos momentos oportunos, a fim de dar leveza ao produto final.

3. Justificativa

O documentário é uma expressão do real, um pincelar do cotidiano e uma tentativa de adequar momentos de uma vida a pequeno espaço de tempo. Como diria o teórico e pesquisador francês Jean Louis Comolli, o que torna esta tipologia fílmica encantadora é a possibilidade deste produto ser “atravessado pelo real”, nos surpreendendo por não ter uma solidez ficcional, com começo, meio e fim bem definidos. São as personagens que, ao longo da coleta de informações, vão moldando o resultado final. E é através da vida de jovens que iniciam sua jornada no paradesporto cearense que tecemos o projeto *Percurso sem barreiras*.

Contaremos, então, a história de Erenildo do Nascimento de Souza (Eron), um rapaz que ficou cego aos sete anos de idade após um atendimento médico. Ele havia pisado em um prego enferrujado, foi levado ao hospital e lá, aplicaram uma injeção que causou uma reação alérgica gerando a gradual cegueira do jovem, que aos 15 anos já havia perdido completamente a visão. Depois de passar por um período de tristeza devido a falta de um dos sentidos, Erenildo começou a se reintegrar à sociedade quando ingressou no Instituto dos Cegos. Lá ele aprendeu Braille, começou a ganhar autonomia e deu início à prática do esporte. Foi nadador e ganhou várias competições. Praticou atletismo na Universidade Federal do Ceará e hoje pratica judô e capoeira, além de trabalhar como massoterapeuta e estudar Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), em Canindé.

² Cathrine Kellison define plano médio como “torso superior ou parte de um objeto e suas adjacências” (KELLISON, 2007, p.156). Em outras palavras, o plano é medido a partir da cintura a cabeça do entrevistado.

Também conheceremos a vida de Maria Juliana de Lima Coutinho (Jully), atleta do time feminino de basquete em cadeiras de rodas, “Guerreiras Sobre Rodas IEFES-UFC”. Este ano, o time conquistou a medalha de bronze nos Jogos Paraolímpicos do Ceará e ficou em segundo lugar entre as mulheres no Campeonato Nordeste de Basquete em Cadeira de Rodas (competição disputada entre homens e mulheres).

Quando tinha apenas dez meses de vida, ela teve poliomielite e ficou paraplégica. Segundo sua mãe, Francisca de Lima Aguiar, Jully foi levada, com febre alta, ao hospital e lá aplicaram uma vacina contra a poliomielite, mas devido a baixa imunidade, ela acabou adquirindo a doença. O esporte possibilitou melhorias na qualidade de vida da moça e hoje ela faz musculação, karatê, judô e dança. Além disso, Juliana foi casada, participou de uma banda de rock como vocalista, divorciou-se e hoje também é vendedora autônoma e tem planos de montar uma loja.

Percebendo a diversidade de atividades praticadas por esses dois atletas, mostrando sempre o bom humor de cada um e as vivências nos esportes, fomos construindo o ***Percurso sem Barreiras***.

4. Etapas da realização do vídeo-documentário *Percurso sem Barreiras*

4.1 Pesquisa

Em abril de 2012, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram que no Brasil 45,6 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, seja ela motora, visual, auditiva ou mental. Deste montante, os maiores níveis para todas as deficiências são registrados na região Nordeste.

O Ceará está em terceiro lugar na região, com pelo menos 2.340.150 pessoas com deficiência, o que equivale a 27,69% da população. Dentre eles, 22,15% possuem deficiência visual, 6,23% se declaram surdas e 8,08% com deficiência motora.

Segundo o Censo 2010, os maiores percentuais de pessoas com deficiência são brasileiros que se declaram amarelos ou negros. Em relação a faixa etária, 7,5% dos deficientes tem até 14 anos e 24,9% dentre eles estão com 15 a 64 anos.

Este jovens, segundo o IBGE, têm o amparo de 93,7% dos municípios do Brasil, uma vez que estes possuem iniciativa para a inclusão escolar. A Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios (Munic) de 2011 mostrou que 73,3% dos municípios

registravam ações de combate à violência escolar e 69,4% disseram implementar ações contra a discriminação escolar.

Uma das medidas para garantir bem estar à juventude que possui deficiência é mostrar o potencial que ainda lhe é inerente. E o esporte é o fator que possibilita tanto essa melhoria na qualidade de vida, quanto a reintegração do indivíduo na sociedade.

E uma porta de acesso a essas atividades é o LAMAPA (Laboratório de Atividade Motora Adaptada de Percepção-Ação), desenvolvido pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará e coordenado pela professora Adriana Inês de Paula.

O laboratório desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão, voltados para os esportes adaptados para pessoas com deficiência. Hoje, cerca de 100 pessoas são contempladas por essa iniciativa, na qual participam de atividades de atletismo, basquete em cadeira de rodas (apenas para mulheres), judô, natação e atividades de psicomotricidade (para pessoas com autismo) em parceria com a Casa da Esperança.

Foi graças a esse projeto que Jully e Eron passaram a praticar as modalidades esportivas de que tanto gostam. E o LAMAPA também foi o responsável pela minha aproximação dessas duas pessoas que viriam a ser meus personagens em *Percorso sem Barreiras*.

Conheci Jully em uma matéria que fiz para o PETv (Grupo de Estudos e Práticas em Telejornalismo) sobre o projeto e adorei a entrevista, uma vez que a moça é bastante desinibida para a câmera e tem boas falas. Após alguns meses, na disciplina de Jornalismo na Internet, ministrada pela professora Naiana Rodrigues, desenvolvi a pauta “jovens com deficiência que praticam esportes” e contatei Jully para uma nova conversa, dessa vez sobre a vida pessoal e as escolhas que a levaram ao basquete.

Para fazer um contraponto à história de Juliana, precisava que um rapaz com outro tipo de deficiência. Então me indicaram Erenildo, rapaz cego que praticava judô, dentre outros esportes. A entrevista foi tranquila, mas não rendeu tanto quanto a de Jully, uma vez que o rapaz se limitava a responder as perguntas sem fazer nenhum tipo de comentário adicional, que só era inserido caso eu perguntasse.

O resultado do trabalho foi bastante interessante e fez com que surgisse em mim o desejo de retratar a vida de pessoas com deficiência que vão de encontro as expectativas preconceituosas da sociedade, ou seja, não são inválidos ou incapazes de realizar atividades cotidianas e esportivas.

Em um primeiro momento, quis trabalhar com três personagens a fim de gerar perspectivas diferentes em relação às deficiências. Entretanto, não conheci a tempo uma terceira pessoa interessante que tivesse uma deficiência diferente e que praticasse esportes.

Um suporte que alavancou o projeto foi o incentivo financeiro da ANDI – Comunicação e Direitos (inicialmente chamada de Agência de Notícias dos Direitos da Infância), através do InFormação – Programa de Cooperação para a Qualificação de Estudantes de Jornalismo e Comunicação, que concede bolsas a estudantes que desenvolvem temáticas relacionadas a Comunicação e Direitos Humanos. Em 2012, eles abriram uma nova temática: “Esporte como meio de inclusão social”. Então, eu preparei um projeto, concorrendo com estudantes de todo o país, e fui a única selecionada nesta categoria.

4.2 Pré-Produção

Antes mesmo de ter a certeza do apoio da ANDI para meu documentário, eu já possuía uma câmera semiprofissional (Nikon P510) que filma em *full* HD, com a qual já produzia algumas matérias para um blog pessoal. Entretanto, esta era a minha única opção de câmera, já que até o momento não havia obtido auxílio financeiro para a compra de outros materiais.

Matriculei-me na disciplina de “Esportes paraolímpicos”, ministrada pela professora Adriana Inês de Paula, para compreender melhor a estrutura do desporto adaptado, ver quais são os principais esportes voltados a este público e conhecer a teoria que preciso para estudo desse público em questão.

A disciplina permitiu que os alunos pesquisassem sobre algumas modalidades para que cada um pudesse realizar seminários. Praticamos o vôlei sentado, utilizando as mesmas regras que o esporte paralímpico, tivemos noções básicas de judô para cegos, sendo vendados durante a aula, vimos outros esportes como goalball e atletismo adaptado. Por não ser praticante de nenhum desses esportes, minha participação não foi das melhores.

Além de incorporar ao meu cotidiano o estudo sobre o esporte, frequentei aulas de cinema e vídeo, buscando referências cinematográficas para a feitura do meu documentário e tentando garantir um direcionamento prático. Recebi algumas lições de fotografia, planos e sequências que foram utilizadas no filme.

Acompanhei um campeonato em que meu personagem Erenildo participou. Promovido por uma academia de judô de Fortaleza, a competição reuniu jovens de várias faixas etárias e categorias. Não existiam outras pessoas com deficiência nessa competição. Eron resolveu

participar da categoria sênior, na qual pessoas de várias faixas lutam entre si, ou seja, um lutador faixa branca poderia lutar com um faixa preta. Vale lembrar que Erenildo ainda é faixa azul (categoria seguinte à branca). Mesmo sendo derrotado, pude registrar em vídeo os momentos antes, durante e após a luta: desde a concentração, até os golpes e o respeito mútuo entre ele e seus adversários.

Também participei do Festival Acessível, promovido pelo CUCA Che Guevara, no qual pessoas com deficiência podiam participar de diversas atividades culturais. Erenildo, juntamente com a equipe de alunos do LAMAPA, foi apresentar o judô adaptado para os alunos de jiu-jitsu do CUCA. Juliana Lima, outra personagem do meu documentário, também se apresentou nesta específica aula, mostrando o judô para cadeirantes e participou de uma bela apresentação de dança em cadeira de rodas com o grupo Fortango, do qual faz parte. Os ritmos escolhidos foram forró e samba. Além de acompanhá-la, tive a oportunidade de conhecer outros jovens que possuem deficiência e ouvir relatos de suas histórias.

4.3 Produção

O período entre o final de maio e o início do mês de junho foi o momento de antecipar as gravações do documentário. Eron havia passado no curso de Ed. Física em Canindé e suas aulas começavam no mês de junho.

Fui com minha câmera gravar na casa de Erenildo Nascimento. Sem equipamento de áudio adequado, pedi emprestado um gravador no primeiro dia de filmagens e comprei outro para as próximas filmagens. Foram dois domingos seguidos.

No primeiro, meu entrevistado/personagem estava muito tenso e seu incômodo ficou nítido na tela, com respostas rápidas, como quem fugisse da conversa. Problemas com o enquadramento também fizeram com que o material deste dia fosse quase não utilizado. Já no segundo domingo, Eron estava mais calmo, e eu contei com ajuda de uma amiga que filmou planos de detalhe com outra câmera.

A primeira pauta foi sobre esportes. Fizemos um panorama sobre todas as modalidades que o jovem já participou e competiu, seguida de algumas perguntas sobre a vida profissional e as expectativas para a viagem e o ingresso na Faculdade de Educação Física do IFCE de Canindé.

A proposta da pauta seguinte era entrevistar os familiares sobre o desportista. Entretanto, sabendo da minha presença na casa, os irmãos e o pai não apareceram em casa e a mãe, muito

tímida, também não quis ser filmada. Mas gravei um depoimento dela em áudio que serviu como base de uma próxima conversa. Mesmo sem realizar o planejado, conversei com Eron novamente, dessa vez sobre sua vida antes e depois da perda da visão, adaptação nas escolas e relacionamentos afetivos.

Além da experiência da entrevista, apresentei o projeto no dia 13 de junho no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (Intercom), no evento IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania.

No dia 19 de junho, fui até a casa de Juliana Lima para contar a proposta do documentário, saber da rotina de treinos dela e estabelecer a data da nossa primeira entrevista. Ela me apresentou uma lista extensa de pessoas que poderiam falar sobre ela no documentário e se mostrou bastante empolgada com o projeto. Ela me informou também de um campeonato Nordeste de basquete em cadeira de rodas que ocorreu em Salvador, entretanto não pude acompanhá-la porque não tinha recursos o suficiente para custear a minha viagem e de um ajudante para as filmagens.

O final do mês de junho foi o período que utilizei para organizar minha viagem a Canindé, no interior do Ceará, onde Erenildo Nascimento está morando atualmente. Agendei a viagem, fiz reserva na pousada, comprei as passagens e convidei um amigo para me ajudar a filmar nesse período. Além disso, comprei uma nova câmera (Nikon S9300) que também filmava em full HD.

No dia 14 de agosto viajamos. Chegamos ao final da tarde, às 17 horas. A primeira medida tomada foi carregar as duas câmeras, checar se as pilhas do gravador estavam funcionando, organizar as mochilas para o dia seguinte, procurar um local para comprar mantimentos básicos (água, lanches) e, claro, contatar o personagem. Ele nos informou sua rotina do dia seguinte: estaria na faculdade às 8 horas para uma aula, com término ao meio dia, teria a tarde livre e às 19 horas, participaria de um treino de capoeira, mais um esporte que ele está praticando agora.

Um primeiro obstáculo foi saber qual ônibus pegar para ir até o IFCE, que é afastado da cidade, nas margens de uma rodovia. Ninguém sabia informar direito onde pegaríamos o transporte, muito menos o horário correto. Nem o próprio Eron, já que ele não tinha noção se estávamos perto ou longe da casa dele.

Na manhã do dia 15 acordamos cedo, tomamos café, e fomos andando pelo centro pedindo informação de onde poderíamos achar esse bendito transporte. Então, de perguntar e

perguntar, chegamos a uma praça a qual vimos vários estudantes e ficamos aliviados. Chegamos ao Instituto antes das oito e vimos Erenildo com alguns amigos. Já neste momento começamos a filmar imagens de apoio. Informamos a esses colegas dos nossos objetivos e já convidamos Eron para uma conversa sobre sua vida universitária. Gravamos aproximadamente 15 minutos de entrevista e, em seguida, fomos até a sala de aula pedir autorização da professora para fazer umas imagens do rapaz.

Infelizmente, não tínhamos baterias extras, já que em Fortaleza não há venda desses materiais e não havia conseguido comprar pela internet. Então, depois de fazer muitas imagens de apoio na sala de aula, paramos para planejar a próxima entrevista e carregar os materiais. Essa pausa também foi importante para manter contato com a minha orientadora e falar um pouco dos procedimentos realizados.

Com o fim da aula, fomos filmar Eron andando pelos corredores do local, descendo escadas, conversando e rindo com os amigos. Comecei a conversar também com essas pessoas tentando convencê-las a dar um depoimento para o documentário. Conversei também com Andreyson Calixto, professor de capoeira, que autorizou nossa ida ao treino e também se dispôs a conversar conosco.

Ao meio dia, fomos conhecer a casa de Erenildo. Conversamos com um colega que divide o aluguel com ele, fizemos mais imagens de apoio do lugar, almoçamos com eles e, em seguida, fomos fazer uma entrevista aprofundada com o jovem. Foram refeitas algumas perguntas sobre a relação dele com os esportes, o porquê de realizar tantos, a importância da atividade física para a qualidade de vida da pessoa com deficiência, e foram acrescentadas novas perguntas sobre as perspectivas que ele tem enquanto atleta e estudante, quais os anseios, quais as dificuldades, como está sua vida distante da família.

Após a entrevista, voltamos para a pousada, para carregar os equipamentos e descarregar os arquivos dos cartões de memória no HD externo e nos programar para o trabalho que seria feito a noite e para o dia seguinte. Depois, às 19 horas, fomos até o local do treino de capoeira e filmamos os exercícios de aquecimento e a roda de capoeira. Marcamos para a manhã do dia seguinte uma entrevista com o professor Andreyson.

No dia 16, mais uma vez nos dirigimos até o IFCE. Dessa vez, Eron tinha o seminário para apresentar sobre a história dos jogos olímpicos na Grécia antiga. Sua equipe resolveu fazer um teatrinho para deixar a apresentação mais dinâmica. Então filmamos os preparativos para

entrar em cena e durante a apresentação. Depois desse momento, fomos conversar com Erenildo sobre quais atividades ele faria. Ao meio dia, teria aula de judô e, às 16 horas, natação.

Aproveitamos a pausa para conversar com os amigos dele, Marcella e João Paulo. A conversa com os dois rendeu bastante, pois eles revelaram às câmeras um Eron engraçado, divertido, que gosta de viver. Por mais que o rapaz já se sinta a vontade conversando comigo, quando estamos gravando ele assume uma postura mais séria, que foi desconstruída tanto pelas imagens de apoio, quanto pelo depoimento de seus amigos.

Eles nos falaram sobre como foi receber um colega cego em sala de aula, quais as preocupações que eles tinham em relação à autonomia do Eron, se ele seria alguém que precisa de auxílio o tempo todo ou não, comentaram sobre o quanto ele é esforçado e o quanto ainda é preciso mudar a estrutura física da faculdade para atender às necessidades dele.

Entrevistamos também professor Andreyson Calixto, que nos deu um depoimento sobre a maneira que utilizou para adaptar a capoeira a um aluno cego, de que forma se dá esse processo, como é Eron como aluno e pessoa. Como o professor também leciona no IFCE, fiz perguntas sobre como tornar as aulas mais acessíveis ao aluno e quais as deficiências que a estrutura da faculdade ainda possui.

Ainda pela manhã, fomos até um ponto turístico da cidade: a estátua de São Francisco das Chagas. Lá, fizemos tomadas de detalhe do lugar e panorâmica da cidade. Em seguida, voltamos para a faculdade para recarregar as câmeras e esperar o início da aula de judô. Quando a aula começou, fiz imagens de detalhe do treino, imagens mais abertas das pessoas que estavam presentes e das instruções do professor.

Voltamos para a pousada para descarregar o material feito, carregar os equipamentos e almoçarmos. Depois disso, demos uma olhada o material captado para ver o que poderia ser feito de diferente na aula de natação. Mas, chegando ao IFCE, Erenildo disse que não estaria na aula porque conseguiu uma carona para Fortaleza. Então, fizemos mais algumas imagens de apoio dele, pegamos carona de volta para a cidade e fizemos imagens de apoio do lugar.

Na manhã do último dia de gravação (17/08) fomos ao centro, à igreja, ao mercado, na feira e andamos nas ruas para fazer imagens do lugar e pegar também o som ambiente. Ao meio dia fomos até a rodoviária pegar o ônibus de volta para Fortaleza.

Chegando a capital cearense, contatei Jully e agendamos uma entrevista para dia 27 de agosto. Com ela seriam feitas perguntas sobre os seguintes tópicos: independência, autonomia, esportes, vaidade, banda de rock e acessibilidade.

Entretanto, foi quase uma missão impossível entrevistá-la, pois nossas agendas não batiam. Vez por outra, Jully me ligava avisando que estava em um local e que eu fosse filmá-la naquele exato momento, entretanto isso não era possível porque não andava sempre com a câmera. Foram várias tentativas, meses tentando marcar essa entrevista e, enfim, ela estava disposta a conversar. Gravamos a tarde uma pauta geral sobre a sua vida, as atividades esportivas, o trabalho como comerciante e sua participação em uma banda de rock. Entrevistei também nesse dia Andrea Lima, amiga e sócia, que me contou alguns momentos divertidos e algumas dificuldades que viveu ao lado de Jully.

Em seguida, fui atrás das mães de cada um para relatar como foi a infância dos dois, quais foram as dificuldades na criação de uma pessoa com deficiência e quais as principais características de seus filhos atletas. Dona Maria Lucilene do Nascimento de Souza a princípio não quis participar, mas depois de convencê-la da importância social do meu trabalho, ela resolveu responder minhas perguntas e a conversa gerou 28 minutos de gravação. Já dona Francisca de Lima Aguiar, mãe de Jully, foi bem mais concisa e relatou em poucas palavras como foi a vida de sua filha.

Em seguida, entrevistei Rafaella Bôto, professora de judô no LAMAPA e amiga de Jully e Eron. Ela falou bastante sobre o projeto, sobre as características de cada um dos personagens, com qualidades e defeitos comuns a qualquer indivíduo. A próxima e última entrevistada para o documentário *Percursos sem Barreiras* foi Adriana de Paula, a idealizadora do projeto que abriu oportunidades e elevou a qualidade de vida tanto de Juliana quanto de Erenildo. Ela revelou mais características dos dois e deixou mais claro a função do LAMAPA para a comunidade acadêmica e para a sociedade.

Quando eu fui decupar o material, o HD, único local onde as entrevistas estavam salvas, uma vez que meu computador estava quebrado, apresentou um erro de leitura que corrompeu todo o material da entrevista da Jully, a entrevista com Rafaella Bôto e imagens de apoio da moça indo até o aeroporto rumo ao campeonato na Bahia.

Nesse momento eu pensei em atrasar a minha apresentação, mas graças à ajuda de todos os meus amigos e envolvidos no projeto eu insisti. Acompanhei os treinos de basquete dela, fui ao primeiro Encontro de Mulheres com Deficiência, no qual ela estava inscrita para participar, acompanhei-a até um jogo de basquete ao qual ela iria assistir, andei de ônibus com ela, enfim, mudei a minha rotina para estar sempre perto dela para conversar e fazer imagens de apoio.

Antes do campeonato brasileiro de basquete em cadeira de rodas, ocorrido em novembro, ela cedeu novamente uma entrevista. Dessa vez muito mais a vontade, bem humorada, contando algumas histórias que havia esquecido e falando do principal, que eram os esportes.

4.4 Pós-Produção

Depois de todas as entrevistas realizadas, restava a mim decupar todo o material, rever as entrevistas já decupadas para, então, fechar a estrutura do roteiro. Muitos assuntos interessantes ficaram de fora do filme, como por exemplo a relação de Jully com ela mesmo enquanto mulher, sobre o casamento dela, a vida de comerciante. Sobre o Eron também ficaram muitos assuntos de fora do filme: a infância na periferia da cidade, detalhes sobre o ingresso na faculdade e participação no CA (Centro Acadêmico) do curso de Educação Física, além da vida amorosa. Esses detalhes foram excluídos pelo simples fato de não serem importantes para a estrutura que se montava. O objetivo era mostrá-los como esportistas e, por mais interessantes que esses assuntos poderiam ser, efetivamente, não se enquadravam na narrativa traçada.

Busquei sempre complementar a fala de uma personagem com a outra. Por mais que as entrevistas tenham sido feitas com pautas diferentes ou sem pauta, em situações distintas, algumas histórias eram semelhantes e foram contadas por mais de uma pessoa. Desse modo, há uma continuidade no roteiro, sem que haja bruscas mudanças de assunto.

A busca por um editor para o documentário começou em setembro. Contatei várias pessoas, entretanto a maioria já tinha outros compromissos. Então recebi a ajuda de Marcos Antonio da Silva, servidor da UFC, técnico em edição de vídeos.

No primeiro dia que o encontrei, estava com o HD com todos os arquivos e já havia feito todo o roteiro do filme, que se estruturou da seguinte forma: apresentação dos personagens, Eron sobre os esportes, Capoeira, Jully sobre o basquete, Jully sobre as artes marciais, Eron sobre as artes marciais, Dança, Universidade, Banda de rock e Encerramento.

Então foram apenas quatro dias de edição no programa Adobe Premier Pro: nos dois primeiros o projeto já estava todo estruturado e nos dois últimos foram feitos ajustes de iluminação e coloração, inserção de transições, além de correção de alguns erros gráficos. Eu mesma editei o depoimento de Adriana Inês de Paula sobre o LAMAPA e o meu depoimento sobre o documentário *Percursos sem Barreiras*, que constam nos extras do DVD, com auxílio de outro programa de edição de vídeo, o Sony Vegas.

5. Conclusão

O principal objetivo do *Percorso sem Barreiras* era mostrar que através do esporte é possível ter uma boa qualidade de vida, mesmo quando se têm algum tipo de deficiência. A figura da instituição pública aparece como um fator de extrema importância para que Eron e Jully pudessem ter descoberto suas aptidões nos esportes. Caso mais pessoas tivessem a oportunidade de participar de projetos como o LAMAPA, por exemplo, as chances de obter uma melhoria física e psicológica seriam imensuráveis.

Optamos por não mostrar como cada um ficou deficiente porque essa informação simplesmente não era importante para a construção do filme. Caso colocássemos esse dado, haveria a possibilidade de adentrar em um viés que estava evitando: vitimizar as personagens. Dessa maneira, conseguimos mostrá-los como os esportistas que são, como pessoas que são diferentes apenas pelo fato de gostarem de praticar atividades físicas e que não são limitadas por terem algum tipo de deficiência.

Percorso sem Barreiras também é um exemplo de que com poucos recursos, mas com muita força de vontade, criatividade e desenvoltura, é possível fazer um trabalho com um conteúdo aprazível a vários públicos, sendo ao mesmo tempo informativo e reflexivo.

6. Referências

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo, Moderna, 1995.

BERNARD, Sheila Curran. *Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2008.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

KELLISON, Cathrine. *Produção e Direção para TV e Vídeo: uma abordagem prática*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2007.

LABAKI, Amir. *Introdução ao documentário brasileiro*. São Paulo, Francis, 2006.

LINS, Consuelo. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. O Cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: *Documentário no Brasil: tradição e transformação*. São Paulo, Summus, 2004.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas, Papirus, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis, Ed. Insular, 2005.